

# BOLETIM

# INFORMATIVO

da

# MISERICORDIA do SARDOAL



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA  
DE  
SARDOAL



# INCOERÊNCIAS DESTE NOSSO MUNDO!

1 A crítica humana oscila, de uma forma geral, entre dois polos referenciais, balanceando-se desde a maledicência crua e desbocada até à ironia subtil e arteirosa.

Por vezes, ainda é possível observar-se aqui ou além um certo equilíbrio a não ultrapassar o meio-termo disfarçado e esbatido, em que as acutilâncias da linguagem aparecem enroupadas em expressões e termos isentos de agressividade, mesmo em desacordo que estejam com os pontos-de-vista dos visados.

Mas, este comedimento, nos dias de hoje, apresenta-se, já, bastante raro e mais não constitui do que meros casos pontuais, no campo das referências ao próximo ou acerca das suas obras e realizações. Com efeito, a ambiência corrompida e indisciplinada em que as últimas gerações (sobretudo as mais recentes) se têm criado e desenvolvido, num completo laxismo sem freio nem bússula, levou a um total abastardamento dos costumes e das formas de convivência e fraternização que, nos "velhos tempos" eram norma e apanágio correntes entre as pessoas de bem -ainda que, no fundo, as separassem credos ou ideologias de profundo antagonismo.

Decerto, também não seria de aceitar-se nos dias de hoje que a contemporização se tornasse, por norma, tão flácida e amolancada que chegasse ao desleixo, à fraqueza, à indiferença! Mas, grande mal advirá de não se ter em conta, por outro lado, que as leis do comportamento não podem ser exageradas, rijas ou violentas, porquanto se tornam, assim, improdutivas e contraproducentes.

2 Ensinar e perdoar, aconselhar com brandura e propósitos rectos e guiar os outros com modo urbano e cordato para os altos ideais humanos, bem deveria continuar a ser, nas suas linhas gerais, a síntese-basilar da moral pragmática. É mister que a apreciação crítica dos actos do próximo continui a pautar-se sempre tendo em conta a "média de acção" dos homens e não querer mostrar-se impelida por idealismos de estrita perfectibilidade. Como obrigação fundamental, cumprir-lhe-á emendar sem violência, criticar sem ódios nem recalcamientos e ensinar e propor com temperança e humanidade. E mais: nunca deixar de atender às circunstâncias e limitações de ambiente e meios de acção -e sopesar, na vida dos homens, as boas obras realizadas e os males perpetrados. Será, depois, a média resultante que exprime com justiça a bitola-pauta de uma conduta normativa.

Ninguém ignora, por certo, que os puros, os génios, os heróis são excepções bem raras que afloram só ocasionalmente -e que, por essa mesma razão, constituem marcos quase despontados no traçado da ética, da conduta e da grandeza universais. Salvo o devido respeito, poderíamos, mesmo, designá-los assim como uma espécie de "guias espúrios" da Humanidade, protótipos ou exemplarizações acidentais que (por tal motivo!) re sistem impunes às lufadas dos críticos e dos iconoclastas.

Mas, esses raros estão no monte níveo e altíssimo das divinizações. A Humanidade acompanha-os, venera-os, exalta-os, criando em torno deles uma atmosfera, um ambiente, que lhes dão a aura de predestinados.

3 Porém, o Mundo é constituído, tão-somente, de medianidades -na formação do carácter, na acção moral, na intercomunicação social. Daí que aos críticos, aos moralistas, aos que se auto-intitulam de "reformadores", cumpra apurar as qualidades dominantes para, somente depois, julgarem em consciência absoluta e isenta, se qualquer outro homem é definitivamente mau e inútil.

## FILHO ÉS PAI SERÁS

---  
"Havia uma certa aldeia que tinha o costume de, quando os pais já eram velhos e nada podiam fazer, os filhos pegarem neles e levarem-nos para um monte distante, e aí os deixarem envoltos num cobertor e com alguma comida, até que a fome e o frio ou alguma fera pusessem termo à sua existência. Assim se viam livres deles como se fossem coisa sem préstimo.

Porém, um dia, certo mocetão procedia de igual forma para com o pai. Depois de o "despejar", e quando se preparava para regressar a casa, eis que o pobre pai o chama e lhe diz:

— Filho do coração, toma metade deste cobertor e levá para, quando fores como eu, e os teus filhos e meus netos aqui te vierem trazer, terem com que te agasalhares. É que podem ser piores do que tu e não te darem nenhum cobertor!

O filho, ao ouvir o desabafo do pobre pai, reconsiderou a sua atitude e, tocado pelo amor filial, pegou carinhosamente no pai e tornou a levá-lo para casa onde o tratou com todo o carinho e amor.

E, assim, acabou naquela aldeia este péssimo hábito.

Reflitamos um pouco nesta lenda e retiremos dela, como Cristãos, esta maravilhosa lição:

"Filho és pai serás, como fizeres assim acharás".

Do Boletim de Sangalhos

## APELO URGENTE

LEVAI:

ALEGRIA  
A QUEM ESTÁ TRISTE;

AMIZADE  
A QUEM ESTÁ SÓ;

PERDÃO  
A QUEM TROPEÇOU;

AJUDA  
A QUEM PRECISE;

ESPERANÇA  
A QUEM DESESPERA;

VERDADE  
A QUEM ESTÁ NO ERRO.

## A FUNDAÇÃO DO CONVENTO

### FRANCISCANO DE SARDOAL

#### I

Por meados do sec. XVI, quando o convento franciscano de Santo António, de Abrantes, estava instalado, ainda, junto à Ribeira da Abrançalga, ao norte da povoação que tem o mesmo nome, muitos habitantes do Sardeal frequentavam esse centro religioso, para os seus actos de piedade, visto situar-se a pouco mais de 1/2 légua desta Vila, pelos atalhos que seguiam através dos pinhais que, a sudoeste de S. Simão, iam entestar com a antiga mata dos Beirins.

Esses frades tinham grangeado fama grande em toda esta região, quer pela conduta exemplar do seu viver como, igualmente, devido à assistência religiosa muito completa que dispensavam aos fiéis.

Daí que multidões viessem de longe, inclusivamente de outros concelhos, e procurassem aquele convento para as suas práticas religiosas. Segundo depoimentos escritos, da época, muitos habitantes do Sardeal frequentavam, também, aquele centro franciscano.

Quando, decorridos alguns anos, o mesmo convento foi transferido para Abrantes, por se ter reconhecido que estava em sítio bastante insalubre, um numeroso grupo de habitantes do Sardeal achou por bem fazer uma exposição ao Ministério Provincial da Ordem, pedindo-lhe a criação de um convento em Sardeal -atendendo a que aquela mudança tornava mais incómoda e demorada a deslocação àquela cidade (então, ainda, simples Vila), que passava a ser de duas léguas e meia. O povo oferecia-se, mesmo, para construir de raiz esse convento, que tão empenhadamente solicitava!

A autorização, porém, tardou bastante em ser deferida, pelo argumento de que "ficariam relativamente perto um do outro" e se afigurava, por isso, como pouco curial, existirem dois conventos da mesma Ordem em locais tão próximos.

Mas, a insistência foi tanta, segundo relata um cronista da Ordem, que "finalmente aceitaram o oferecimento, não podendo mais resistir aos rogos e importunações (?) daquele devoto povo".

Então, para o convento se erigir, ofereceu logo a Vila uma ermida de muita devoção e grande romagem de peregrinos, chamada de "Santa Maria da Caridade"-invocação de tal modo consagrada, já, no povo que dela veio o convento a tomar o nome por que haveria de ser sempre conhecido.

Continua

# POBRES... dos "pobres"!

Continua a ser uma das aspirações mais prementes da Santa Casa da Misericórdia de Sardeal a construção dum Lar para a TERCEIRA IDADE, em que possam ser recolhidos alguns anciãos do nosso concelho, que vivem em situações de extrema carência e dificuldade, sem que mais ninguém por eles olhe -ou por não terem família próxima ou (o que é mais pungente, ainda) esquecidos de todo por aqueles que lhes devem amparo a assistência.

Há, de facto, neste concelho, certos casos gritantes de pessoas abandonadas que, por terem atingido, já, uma idade de certo modo avançada, não estão em condições mínimas de se bastarem e de se proverem a si-próprias e vivem, por isso, à margem da sociedade, numa situação de quasi esquecidas do mundo.

É doloroso observar como certos filhos, nos dias de hoje, se esquecem vilmente dos Pais -que lhes deram o ser e os encaminharam para a Vida, tantas e tantas vezes com duros sacrifícios, penosas renúncias e duras provações, para lhes proporcionarem o máximo que podiam!

Também por aqui se vai deparando também, com essa triste e criminosa prática. Com efeito, há albergados do CENTRO DE DIA, recolhidos em razão da fome e outras grandes e calamitosas necessidades que passavam, aos quais a Misericórdia deitou a mão, para que não morressem de inanição, no meio de carências de toda a ordem.

São notórios uns tantos casos de revoltante e iníqua desapiedade, por parte de familiares directos, que se desinteressaram, por completo, dos que lhes estão directamente ligados pelo sangue. E não é necessário, até mesmo, sair dos limites acanhados da própria Vila, para se deparar com essas monstruosidades... Este nosso meio, que desde sempre fora apresentado como exemplo e paradigma de gente bem formada, de coração largo e recta conduta, tem-se vindo a abandalhar cada vez mais, nos últimos tempos, e a tornar-se permeável àqueles maus exemplos vindos de fora.

Para além de outras motivações específicas e particularizadas, a vivência deletéria do quotidiano nos grandes meios populacionais, sobretudo em áreas suburbanas de desbragada promiscuidade favorece, pelo seu exemplo deprimente, a irrupção de linhas de conduta fora de toda a moral e bons costumes, por aí se verem implantados grandes factores de desagregação social, desde o alcoolismo à prostituição, da droga ao roubo e à violência -que, além de embrutecerem sensibilidades, amarfanharam consciências, espezinham a honradez e o carácter. A noção estrita do dever passou a ser considerada, mesmo, como um conceito obsoleto e fora de época. A solidariedade cedeu o passo ao egoísmo, do mesmo modo que a filantropia e amor ao próximo se vão extinguindo e fenecendo, como "velharias ultrapassadas".

Por isso, os Institutos de Caridade a toda a hora estão vendo a sua população mais aumentada -sem saberem, tantas e tantas vezes, onde ir buscar subvenções ou rendimentos para tal amplitude. E, em cada dia que passa, novos casos, novas angústias, novas tragédias, se lhes deparam, em quadros de duro confrangimento.

O nosso Centro-de-dia (embora muita gente, talvez, o ignore) tem, já, muitas histórias verídicas, bem tristes e angustiantes, do que em tal capítulo se passa, também, neste nosso Concelho...

«O conformismo é o carcereiro da liberdade e o inimigo do progresso»

JOHN F. KENNEDY (1917-1963)  
PRESIDENTE NORTE-AMERICANO

## Amigos e Beneficentes

Naturalmente que a Santa Casa continua a ter bons Amigos que a auxiliam -embora muito menos do que seria mister! Para prover à alimentação, amparo e cuidados de saúde das muitas dezenas de beneficiários do seu Centro-de-dia, os réditos da Misericórdia e a subvenção do Estado não seriam suficientes. É bom estar-se ciente desta verdade!

E, sobretudo, que a não esqueçam certos filhos, que "atiram" para aqui os Pais, usando de mil desculpas e subterfúgios para os não terem ao seu cuidado.

Mas... quantos desses filhos se lembraram, alguma vez, de trazer um pequeno contributo, sequer, mesmo, um modesto donativo a esta Misericórdia? Quantos?

E, na verdade, é bem possível que, a o andar dos anos, alguns deles venham a ser, também, nossos futuros albergados!

## MEDITAÇÃO

### GRANDES ERROS

### DA VIDA

- 1 — Esperar que o nosso próprio conceito do bem e do mal se estabeleça e toda a gente se conforme com ele.
- 2 — Querer medir o gosto dos demais pelo nosso.
- 3 — Esperar uniformidade das opiniões do mundo.
- 4 — Buscar o juízo e a experiência na juventude.
- 5 — Esforçar-se por moldar de uma só maneira as disposições de todos.
- 6 — Não ceder em ninharias que não importam.
- 7 — Buscar perfeições nas nossas próprias acções.
- 8 — Incomodar-nos e incomodar os outros, por coisas que não têm remédio.
- 9 — Não remediar o que necessita remédio, enquanto podemos fazê-lo.
- 10 — Não ser indulgente com as fraquezas dos outros.
- 11 — Considerar alguma coisa impossível, só porque somos incapazes de fazê-la.
- 12 — Negar tudo aquilo que o nosso limitado pensamento não pode alcançar.
- 13 — Mover-se, como se o momento, o dia, a hora ou a época em que se vive houvessem de durar sempre.

## BOLETIM ATRIUM

Sob o patrocínio do GETAS (Grupo Experimental de Teatro Amador do Sardoal) iniciou a sua publicação, nesta Vila, um Boletim/Revista mensal, sob aquela designação genérica, predominantemente virado à defesa do património cultural do Concelho e à divulgação, subsequente, do seu místico e variado espólio -de que, estranhamente, ainda se não havia feito, até agora, uma recolha em profundidade, através de um levantamento consciencioso e em termos.

Dirigida e orientada por elementos muito válidos, com provas dadas do mais puro e sã bairrismo, bem se deseja que a revista citada venha a triunfar amplamente e a ter longa vida - A Bem do Sardoal!

Saudamos com o maior apreço este novo confrade, assim vivamente empenhado, também, nesta tão ingente cruzada de dar a conhecer as virtualidades da nossa terra e das nossas gentes.

## INCOERÊNCIAS DESTE NOSSO MUNDO!

Continuado da página 2

A solidariedade deverá sempre corrigir e amparar os fracturados de alma, os desgarrados da média, da utilidade e do bem colectivo e formar juízo de acordo com as circunstâncias individuais e de ambiente nunca deixando, porém, de ter em conta que o Homem não faz sempre aquilo que ambiciona e idealiza mas sim o que os condicionamentos e, tantas vezes, as forças do inconsciente lhe permitem. A solidariedade humana (torna a repetir-se!), que deve ser uma força imperecível e melhoradora, tem como obrigação primária agregar ao seu convívio os que podem melhorar, os passíveis do bem e da acção proveitosa social, e guiá-los, perdoá-los (e, até mesmo, se for caso disso, dar-lhe margem para que se corrijam), mas nunca menosprezá-los vilmente como se tratam cães danados, com os anátemas grosseiros dos degradados e dos insolúveis!

A regeneração do Homem é problema de dogura e não de rija disciplina, exactamente porque a força das eventualidades e o galvanismo das contingências nos conduzem, a todos nós, muitas e muitas vezes, aonde não queríamos ir ter, de modo nenhum!

**4** Infelizmente... há ainda quem tenha em muito pouca conta os princípios básicos e elementares da convivência entre as criaturas. E, por isso, em muitos casos, certos núcleos se comprazem em denegrir o bom nome dos que se sacrificam, de alma e coração, pelos ideais nobres, sabotando-lhes essas dedicções laboriosas só pelo gosto perverso de destruir e amarfanhá-las, servindo-se das armas diabólicas da boatices caluniosa, utilizando-se predominantemente das classes mais simples e falhas de cultura e entendimento (por isso, mais manobráveis!) nas quais faz eclodir uma autêntica "epilepsia da arruaça".

Por estranho que se afigure, até em certos meios pacatos, de aparência inerte e abúlica, se dá bastantes vezes este fenómeno estranho, ao arrepio da mais elementar sensatez e equilíbrio que, pelo menos aí, se esperariam: - todo aquele que alguma vez se alçapremou como triunfador e saiu da rotina apagada do indiferentismo morno e apático, bem depressa depara, no seu caminho, com uma caterva imensa de ciúmes e invejas, de ódios e antipatias.

■ António José Fernandes